



FIGURA 3.

Cristina Rosa, *Devaneio*, 2024.

ESPAÇOS EXPOSITIVOS DE ARTE CONTEMPORÂNEA: IMPLICAÇÕES CONCEITUAIS, ARTÍSTICAS E EDUCACIONAIS

Profa. Dra. Alejandra Panozzo Zenere
(UNR – Argentina)

Profa. Dra. Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva (UDESC – Brasil)

Profa. Dra. Sandra Susana Pires da Silva Palhares
(UMINHO – Portugal)

A arte contemporânea pode ser pensada como aquelas propostas que são geradas no presente, mas também como aquelas produções que, no presente, se associam inexoravelmente ao passado e ao futuro. Nesta chave, o contemporâneo pode ser reconhecido como aquilo que está a acontecer, o que é simultâneo ao momento que estimula e produz, o estar em contínuo presente, à maneira de síntese de múltiplas determinações, já que pode unir passado e presente numa nova elaboração. Assim, esta conceptualização permite pensar a arte a partir de uma multiplicidade que adquire diferentes presentes, ou se reconhece com a possibilidade de privilegiar uma relação com o agora e aquilo que advém... o que sucede. No entanto, é importante esclarecer que a arte contemporânea é reconhecida como tal desde, pelo menos, os anos sessenta, e como afirma Jonathan Felman (2017), é mais acertado falar de operações da arte contemporânea, dado que permite analisar os comportamentos das artes a partir dos seus modos de fazer, das suas formas de produção, de exibição e dos lugares que lhes dão acolhimento.

Por esta razão, o presente dossiê tem como objetivo problematizar os espaços expositivos que se ocupam da arte contemporânea no Brasil, na Argentina e em Portugal. Referimo-nos a espaços que podem adotar diversas formas de carácter institucional, independente ou híbridas. Uma possível tipologia pode ser aquela que recupera instituições públicas

tradicionais —museus de arte contemporânea, museus de Belas Artes que incorporaram a contemporaneidade ou centros culturais estatais—; galerias de arte —galerias privadas, galerias cooperativas ou geridas por artistas—; espaços independentes/autogestionados criados por artistas ou coletivos com modelos não institucionalizados —espaços híbridos, residências artísticas com mostras abertas, centros de bairro com ações artísticas—; plataformas não convencionais —espaços virtuais e plataformas digitais, espaços públicos intervencionados artisticamente, mostras em fábricas, ruínas, praças—; espaços educativos ou de investigação como universidades com salas de arte, ou espaços de extensão artística. Estamos perante espaços expositivos que albergam modos de fazer, formas de produção e de exibição de produções que não possuem uma necessidade de totalização. Ou seja, produções que o projeto da modernidade colocou como horizonte, e que agora se traduzem como uma grande heterogeneidade que parece ser uma des-hierarquização dos estilos artísticos. Estamos perante espaços expositivos que alojam “um lugar de permanente reescrita tanto do passado como do futuro” (Groys, 2009, p. 4).

Oferecemos um conjunto de textos que procuram dar conta das principais perspectivas teóricas a partir das quais têm sido pensados múltiplos aspectos que dizem respeito ao expositivo neste tipo de espaços e seus desdobramentos no campo educativo, social e político. Particularmente, seguindo Andrea Huyssen, procura-se rever estes espaços expositivos a partir de três modelos: o modelo hermenêutico, orientado para a cultura como compensação ancorada na preservação; o modelo da teoria apocalíptica pós-estruturalista que vê a comercialização dos museus como um cancro terminal; e, finalmente, o modelo orientado pela teoria crítica, entre o museu como meio de comunicação de massas em contraste com os mídias e aquilo que o museu oferece que os mídias não oferecem. Huyssen considera que os três modelos estão parcialmente sobrepostos e são concorrentes, e esta sucinta divagação em torno do estado atu-

al das exposições, é relevante para compreender que fatores impulsionam um cruzamento entre diferentes dinâmicas que refletem sobre as exposições, mas, também, a sua respectiva articulação com a educação e, sobretudo, ambicionam refletir sobre a atuação da arte como forma de crítica e reinvenção da cultura, abordando temas como a memória, as práticas culturais, a identidade, a diversidade, contribuindo para a transformação social, apesar de o debate estar absolutamente tensionado pela crescente polarização. Ou seja, articula-se um mapa que ilustra as dinâmicas institucionais, museográficas e educativas que se colocam em jogo ao expor arte na contemporaneidade, na qual se “procura navegar múltiplas temporalidades dentro de um horizonte mais político” (Bishop, 2018, p. 34).

Considerando este preâmbulo buscamos apresentar os 17 artigos aprovados para compor este dossiê. O primeiro deles intitulado de “*Espaços expositivos na formação inicial de professores na Universidade do Minho, Portugal*” possui autoria de Sandra Palhares e trata da investigação o resultado de uma estadia de investigação financiada pela Universidade de Castilla-La Mancha, por um docente espanhol em colaboração com uma docente portuguesa da Universidade do Minho, e propõe dois objetivos consecutivos: em primeiro lugar, promover a reflexão entre os profissionais dos serviços pedagógicos dos espaços expositivos de Arte Contemporânea sobre as atividades que desenvolvem com as escolas da área de influência da Universidade do Minho, Portugal. Em segundo lugar, desenvolver aspectos transformadores destas realidades, a partir das observações dos profissionais que as desenvolvem e através da colaboração com a universidade na área da educação artística, como é chamado o Ensino de Arte em Portugal, na formação inicial de professores.

Da Argentina vem a contribuição do segundo texto intitulado: “*Exposições têxteis latino-americanas: abrindo o museu para novas formas de narrativas.*” O texto detém-se, por um lado, em alguns objetos contem-

porâneos específicos, tendo como autoras Alejandra Panozzo Zenere e Maria Laura Ise, que, a partir da análise de um conjunto de exposições têxteis realizadas, entre 2021-2024, em museus de arte latino-americanos, descrevem as singularidades dos artesanatos, assim como dos sujeitos que enunciam as narrativas — equipe do museu, curadores, artistas e artesãos/comunidades—.

O terceiro artigo “*Os espaços expositivos e suas contradições: possibilidades de diálogo com as escolas*” de Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva, Janaina Enck e Micheline Barros, trazem aspectos que influem na maneira de abordar os espaços expositivos que se ocupam da arte contemporânea, mas também da educação que projetam, dado que são uma das bases da formação dos professores de arte. O artigo ocupa-se de um desenvolvimento histórico da relação específica entre museus e escolas; do papel dos museus de arte como dispositivos ideológicos e didáticos; os limites e desafios enfrentados pelos professores de arte; e a possibilidade de ampliar o repertório crítico e estético de professores de educação básica. Todos estes traços são objeto de análise do projeto em rede Observatório da Formação no Âmbito do Ensino da Arte: estudos comparados entre Brasil e Argentina, gerado com o apoio do projeto fomentado pelo CNPq. Consideramos, então, que o material desenvolvido nos textos presentes neste dossiê se transforma num sustento para gerar um olhar valioso sobre a maneira como se está a trabalhar nestes âmbitos na atualidade.

Esses três primeiros textos marcam a tônica do dossiê demonstrando a dinamicidade e variedade de produções abarcadas nesta publicação evidenciado na articulação ao projeto de pesquisa: “Espaços expositivos de arte contemporânea, diálogos com ambientes virtuais de formação (Etapa Internacional)” também fomentado pelo CNPq, que dedica-se a investigar a tríade museu, escola, mercado de arte, com o fim de problematizar a formação docente e o ensino da arte nas escolas e que suscitou a proposição do presente dossiê.

O artigo “*Espaços expositivos dentro e fora da escola: contribuições para o processo de ensino e aprendizagem em artes visuais*”, é o quarto artigo e nomeia o texto de Elivane Goncalves Graeff e Vera Lúcia Penzo Fernandes, por sua vez, detém-se pontualmente nas exposições escolares de arte — murais, paredes ou painéis— como uma estratégia de ensino e aprendizagem em artes visuais, presentes em salas de aula e corredores escolares, nas escolas de ensino básico e que relação estabelecem com a arte contemporânea e os espaços expositivos fora da escola.

Julia Rocha propõe o quinto artigo “*Para quem se destina a arte contemporânea?*” pensar em novas estratégias curatoriais e educativas a partir do panorama brasileiro, a maneira como se torna essencial para ampliar o seu alcance sem perder a sua potência crítica, na hora de trabalhar a arte contemporânea já não só como um campo de experimentação para artistas e curadores, mas considerando a esfera escolar e o diálogo efetivo com professores e estudantes.

Thalita Emanuelle de Souza, apresenta o sexto artigo “*Entre a Mediação e a Plataformização: Desafios da Educação Patrimonial e do Ensino de Artes Visuais em Espaços Expositivos*”, por sua vez, investiga os desafios e as possibilidades do ensino de artes visuais em articulação com museus e outros espaços expositivos, a partir da perspectiva da educação patrimonial brasileira e dos impactos da plataformização do ensino no estado do Paraná. A autora constata desigualdades de acesso à cultura e da ausência sistemática do patrimônio cultural brasileiro no currículo escolar, revelando um cenário marcado pela fragilização das políticas públicas e pelo controle pedagógico exercido por plataformas digitais como o RCO+Aulas, o que se converte em muitos casos em estratégias superficiais de inclusão, desvinculadas de uma formação estética significativa.

A partir de Portugal, articula-se o sétimo texto “*Museu, escola, educação das relações étnico-raciais: uma experiência educativa com crianças por meio das artes*”. O trabalho de Andreza Mara da Fonseca, Fernando

Ilídio e Sandra Palhares refletem as dinâmicas pedagógicas que se vão gerando a partir da formação de professores na região do Minho (Portugal). As análises projetam a articulação do sistema educativo português alinhado e comprometido com as metas europeias, em que o currículo e os referentes educativos convergem para a promoção da qualidade educativa que pode e deve ancorar-se na cultura. Mas, além disso, suscita-se uma convergência de variáveis que propicia um ambiente que favorece o fomento da arte contemporânea, ampliando a oferta e o acesso através da escola, cada vez mais sintonizada com uma das grandes ambições preconizadas pelo Plano Nacional das Artes: derrubar o muro entre a escola e a cultura com vistas à democratização cultural.

A proposta de Bianca Andrade Tinoco é o oitavo artigo, cujo título é “*O Museu de Arte do Rio e o Cais do Valongo: caminhos para a conscientização sobre uma dívida histórica*”. A proposta se detém na atuação do Museu de Arte do Rio (Rio de Janeiro, Brasil) no processo de revitalização do Cais do Valongo. A um quilômetro do museu, se encontra o Cais do Valongo, que se configurou nos séculos XVIII e XIX como o maior porto de receitação de africanos destinados à escravização do mundo. A inauguração do MAR, em 2013, teve como marco a escavação do Cais do Valongo após um século aterrado ali, a instituição cultural e artística levanta uma conscientização não só artística, mas também educativa e social articulada ao seu entorno.

Enquanto Diogo de Moraes Silva, apresenta o nono texto intitulado: “*Pode a mediação cultural tratar o racismo? lidando com respostas controversas à exposição ‘DOS BRASIS’*”, aborda algumas destas inquietações, pontuando na mediação da exposição “Dos Brasis: Arte e Pensamento Negro”, apresentada no Sesc Belenzinho, para abordar o racismo manifestado pelos públicos nas suas respostas a obras artísticas afro-centradas. Para isso, valeu-se do método psicanalítico que permite, por um lado, acolher o chamado “discurso da estupidez” e, por outro, indagar posicionamentos aparentemente impermeáveis à diferença, com o fim de os abrir e rastrear as suas origens.

Pontualmente, no texto de Marcela Pedersen, a décima proposta é intitulada de: “*Revisitar o passado, pensar o presente: Considerações sobre a branquitude portuguesa no trabalho com a memória colonial*” ensaiam-se questionamentos a partir das tensões e inquietações geradas na Galeria Municipal do Porto (Portugal), a partir do Programa de Incurção à Galeria (PING!), que propõe uma leitura do Palácio de Cristal, como um lugar de memória e mobiliza os conceitos de zona de contacto e de conflito que procuram ressignificar questões da história colonial portuguesa para uma sociedade em que o colonial racista continua enraizada.

Vinicius Luge Oliveira e Ivete Souza da Silva, propõe o décimo-primeiro texto “*A Galeria Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporânea: espaço expositivo, espaço de luta*”, que reflete sobre os ataques que sofrem os povos indígenas na região para rever como a Galeria Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporâneo (Roraima, Brasil) é uma das formas encontradas para a realização das suas lutas, em que se converte num espaço coletivo, de denúncia e de anúncio dos povos indígenas. Também se enquadram na problemática dos espaços de resistência o textos proposto por Andrea Geat, “*De o grito a a esperança: reflexões sobre arte e patrimônio nos Museus do Chaco*”, é o décimo-segundo artigo que analisa o Museu Provincial de Belas Artes “René Brusau” (Chaco, Argentina), para refletir sobre algumas ações e intervenções que tiveram lugar no âmbito do museu, por parte de artistas e agentes do campo cultural, que foram introduzindo peças produzidas pelas comunidades indígenas da região que não faziam parte das exposições do patrimônio artístico do Chaco, nem apareciam na secção de arte contemporânea em museus ou instituições culturais.

Noeli Moreira, no décimo-terceiro texto “*Galeria Lado B: um ano de história entre a criação e seus desdobramentos*” recupera pontualmente o caso de uma galeria de arte no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), para poder rever estratégias administrativas e curatoriais empregadas, assim como discutir a sua relevância para a democratização

do acesso às artes visuais em contextos educativos. A proposta deste trabalho tenta rever os desafios que incluem a sobrecarga das funções do curador/professor, concepções prévias sobre espaços informais de ensino e limitações derivadas da localização no interior de Santa Catarina, assim como também a necessidade de reconsiderar o papel docente em instituições formais, dado o impacto deste projeto na carga horária e na investigação contínua sobre práticas curatoriais e administrativas.

o décimo quarto trabalho “*A arquitetura na construção de experiências estéticas nas galerias do Instituto Inhotim*” de autoria de Alícia Vasconcelos, levanta como a arquitetura gera experiências estéticas, a partir da análise de cinco galerias de Inhotim (Brasil). A autora identifica estratégias simbólicas e estruturais, como o uso da forma, da materialidade e da iluminação para a construção de narrativas que introduzem as obras, assim como para a manipulação da atenção mediante a percepção sensorial presente nas diversas escalas do espaço.

Maria Vitoria Miron Duleba, no décimo quinto artigo “*A crítica de arte e a recepção das obras de Arthur Bispo do Rosário nos anos 1990*”, trabalha sobre a recepção e a crítica de arte das exposições em que são apresentadas as obras de Arthur Bispo do Rosário, nas quais reflete não apenas sobre a obra do artista contemporâneo, mas também os debates sobre arte e loucura. Ambas as obras também investigam, como mencionado, os atores que intervêm, em muitos casos, atores que são adiados ou excluídos das narrativas dos espaços de arte contemporânea, permitindo-nos refletir sobre os próprios discursos contemporâneos.

Dentro deste universo de propostas, do ponto de vista conceitual e da práxis, revemos a forma como diferentes espaços começaram a dar atenção às mudanças sociais e à diversificação das formas de vida, tendências que já não respondem a um só relato hegemônico, nem a figuras de autoridade disciplinadoras, nem a um único circuito expositivo centralizado, mas sim a dinâmicas que se reconfiguram a partir das necessidades específicas dos espaços. Neste sentido, o décimo-sexto

artigo “*Notas sobre espaços expositivos independentes: o caso de ‘De uma alegria para sempre não destinável’*” (2024), autoria de Lindomberto Ferreira Alves, João Victor Coser e Amanda Gonçalves Amaral indagam a exposição “De uma alegria para sempre não destinável” (2024), organizada pelo Coletivo FURTACOR na Casa Caipora, em Vitória/ES (Brasil), que levanta os desafios que enfrentam os circuitos e espaços expositivos independentes e as redes autônomas.

Para finalizar o dossiê temos o décimo-sétimo texto, Abordagem triangular, mediação cultural e social e seus diálogos com a arte/educação. Especificamente, detendo-se em aspectos da mediação com a arte/educação, situa-se o trabalho de Thais Rosa dos Reis, Laura Marcela Ribero Rueda e Denise Blanco Sant’Anna, que, a partir da análise de duas exposições de arte do Brasil, reveem o impacto para um grupo de adolescentes que participam de atividades na OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público), para reconhecer a importância da inclusão e do acesso de diferentes grupos a este tipo de espaços culturais e artísticos.

Para concluir agradecemos o grande número de artigos recebidos, aos avaliadores que se dedicaram a leitura atenta dos artigos e a toda a equipe que trabalha arduamente para executar a parte técnica da revista. Evidenciamos um generoso campo de pesquisa sobre museus/espaços de arte, educação e uma dezena de propostas antirracistas que povoam os artigos. Compartilhamos nossa alegria ao concluir este dossiê com os leitores da revista Palíndromo do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BISHOP, Claire. **Museología radical. O ¿qué es contemporáneo en los museos de arte contemporáneo?** Buenos Aires: Libretto, 2018.

GROYS, Boris. Comrads of time. **E-flux journal**, nº 11, pp. 1-11, 2009.

HUYSEN, Andrea. Escape From Amnesia: The Museum as Mass Medium. In **Twilight Memories: Marking Time in a Culture of Amnesia**. Routledge: New York and London, 1995

DGE-ME (2018). Aprendizagens essenciais de Artes Visuais – Ensino Básico e Secundário.

DGE-ME (2017). Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória.

DGE-ME (2025). Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania.

FELMAN, Jonathan. Arte contemporáneo: temporalidad, territorialización y circulación. **Boletín De Arte**, nº 38, pp. 87–96, 2017.

PLANO NACIONAL DAS ARTES: Uma estratégia. Um manifesto. 2019–2024. Publicado pela Direção-Geral da Educação (DGE).